

A semântica da construção ditransitiva em perspectiva diacrônica

Maria Angélica Furtado da Cunha^a

Resumo

Este artigo tem como foco a construção ditransitiva do português do Brasil, com o objetivo de examinar sua evolução semântica. Para tanto, compara manifestações dessa construção nos séculos XVIII e XX a fim de investigar se houve mudança em sua morfossintaxe e na classe semântica dos verbos que a instanciam. A abordagem teórica conjuga pressupostos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, 2013a) e da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2014). Os resultados obtidos indicam que, tanto no século XVIII como no século XX, em seu sentido prototípico, a construção ditransitiva conceitualiza um evento de transferência física, em que um participante animado (Sujeito) transfere um objeto (Objeto Direto) para uma entidade humana (Objeto Indireto). Além disso, não foi constatada mudança na classe semântica dos verbos que podem instanciar extensões do sentido central dessa construção.

Palavras-chave: *Linguística Funcional Centrada no Uso. Gramática de Construções. Construção Ditransitiva. Semântica construcional.*

Recebido em: 28/02/2020

Aceito em: 08/05/2020

^a Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Contato: angefurtado@gmail.com

Considerações iniciais

Este artigo toma a construção ditransitiva¹ como objeto de estudo a fim de investigar a evolução semântica dessa construção em duas sincronias, séculos XVIII e XX, com base em instâncias reais de gramática em uso.

O modelo teórico adotado incorpora os pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013a; FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2013b; FURTADO DA CUNHA, 2015) e da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2014). Assumo a hipótese, consensual na literatura específica, de que o sentido central, prototípico da construção ditransitiva (CD) é estendido e adaptado para a codificação de outros tipos de situação.

Do ponto de vista diacrônico, interessa investigar se houve mudança com relação aos tipos de verbo que instanciam a construção ditransitiva no português do Brasil (PB) dos séculos XVIII e XX. O objetivo geral é verificar se essa construção passou por um processo de estreitamento (*narrowing*) semântico, como aconteceu no inglês. De acordo com Coleman e De Clerck (2011, p. 2), a evolução semântica da CD em inglês é um caso de especialização, em que a construção passou a associar-se com um leque de significados consideravelmente menor. Alguns usos desapareceram, e a construção se reduziu a verbos de *dar* e classes de verbos estreitamente relacionados.

Como fonte de dados do século XX, foram utilizados os *corpora* Chave, C-Oral Brasil e Museu da Pessoa, que compreendem textos jornalísticos, fala espontânea e entrevistas transcritas, respectivamente. A coleta dos dados do século XVIII teve, como universo de investigação, o *Corpus Histórico do Português*².

Este texto está organizado em cinco seções. Após esta breve introdução, é descrito o modelo teórico que orienta a pesquisa. Em seguida, são apresentadas as características gerais da construção ditransitiva: seu significado, seus padrões sintáticos e as propriedades de seus argumentos. Na sequência, é examinada a polissemia dessa construção, especialmente as extensões de sentido a partir do significado central. Na seção seguinte, discute-se se houve mudança com relação às classes

¹ Em trabalhos sobre o português ou sobre o inglês, a construção ditransitiva também é chamada de construção dativa quando o recipiente é codificado como Sintagma Preposicional.

² A coleta e a classificação inicial dos dados ficaram a cargo da bolsista de PIBIC Emily Hellen Carlos Souza dos Santos.

semânticas de verbos que instanciam a CD. Por fim, a última seção sumariza a análise empreendida.

Alinhamento teórico

Orótulo *Linguística Funcional Centrada no Uso* (doravante LFCU), criado pelo Grupo de Estudos Discurso & Gramática³, identifica uma orientação recente de pesquisa que conjuga a vertente funcionalista norte-americana à Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2014, *inter alia*). No Brasil, tal modelo teórico é exposto em Furtado da Cunha; Bispo; Silva (2013a), Furtado da Cunha (2015), Oliveira e Cezario (2017) e Furtado da Cunha; Bispo; Silva (2018), entre outros. A Linguística Funcional Centrada no Uso corresponde, em termos teóricos, metodológicos e epistemológicos ao que Bybee (2016 [2010], p. 30; 2015) denomina *Usage-based Linguistics*.

De acordo com essa autora (BYBEE, 2016 [2010], p. 303), “a teoria baseada no uso se desenvolveu diretamente do funcionalismo norte-americano, praticado por muitas décadas (Noonan, 1998), e em certo sentido, é apenas um novo nome para ele.”

O princípio básico da LFCU consiste no fato de que a estrutura da língua emerge à medida que esta é usada (BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2016 [2010]). A LFCU entende a aparente regularidade e a instabilidade da língua como motivadas e modeladas pelas práticas discursivas dos usuários no cotidiano social (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007). Apoiada nesses princípios, a LFCU tem por objetivo descrever e interpretar os fatos linguísticos por meio do exame das funções semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas que desempenham em diferentes eventos de uso da língua, seguindo uma abordagem pancrônica, que conjuga sincronia e diacronia (BYBEE, 2016 [2010], p. 167). Alguns dos fatores considerados nas análises são os efeitos da frequência de uso, a modelagem das estruturas linguísticas no contexto discursivo e as inferências pragmáticas que acompanham a língua na interação.

Desse modo, a LFCU fundamenta-se na proposição de que a gramática resulta da regularização ou rotinização de estratégias discursivas recorrentes (GIVÓN, 2012 [1979], p. 67;

³ Comunidade acadêmica brasileira, voltada para pesquisas de cunho funcionalista norte-americano, com sedes na UFRN, UFRJ e UFF. Maiores informações em <https://discursoegramatica.blog.wordpress.com>.

BYBEE, 2016 [2010], p. 99). A língua é, portanto, entendida como um sistema adaptativo complexo, uma estrutura emergente (DU BOIS, 1985, p. 344; HOPPER, 1987, p. 118; BYBEE, 2016 [2010], p. 18). Convivem, portanto, padrões mais ou menos regulares e outros que surgem em virtude de necessidades cognitivas e/ou comunicativas dos falantes.

Nessa linha, o sistema linguístico tem uma natureza eminentemente dinâmica, já que surge da adaptação das habilidades cognitivas humanas a eventos de comunicação específicos e se desenvolve com base na repetição ou ritualização desses eventos. Nesse sentido, pode-se falar em variação e gradiência dos elementos linguísticos: num viés sincrônico, o uso constante da língua pelos falantes cria variação; numa perspectiva diacrônica, a variação pode levar à mudança, que acarreta gradiência. Desse modo, a gradiência se refere ao fato de que muitas categorias da língua (e da gramática) não podem ser facilmente distinguidas devido à variação que há entre unidades de uma mesma categoria (em diferentes níveis) e em função da mudança que ocorre ao longo do tempo, de modo gradual, movendo um elemento em um contínuo de uma categoria à outra. Logo, a variação e a gradiência estão intrinsecamente ligadas a uma visão de língua como um sistema adaptativo complexo (BYBEE, 2016 [2010], p. 19).

O uso da língua é central para essa abordagem, que relaciona os textos e enunciados às funções semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas que eles desempenham na comunicação, as quais influenciam a organização do sistema linguístico, orientando a escolha e a ordenação dos elementos da língua. A LFCU considera, no estudo do surgimento, variação e mudança das construções, motivações comunicativas e interacionais, uma vez que postula uma relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação.

A Gramática de Construções (GC) compreende a língua como um conjunto de pareamentos forma-função, as chamadas construções, organizadas em rede (GOLDBERG, 2006; LANGACKER, 2008). Em sua formulação original (GOLDBERG, 1995, p. 1), a construção é definida como um par forma-significado. Entendo o termo *função* como equivalente a *significado*, que recobre as propriedades semânticas,

pragmáticas e/ou discursivo-funcionais que Croft (2001, p. 18) atribui ao polo do *meaning*.

Nesse sentido, todas as unidades da língua são simbólicas – desde morfemas simples, como o -s de plural, passando por expressões idiomáticas, como *boca de siri*, estruturas sintáticas, como as construções de estrutura argumental (GOLDBERG, 1995, 2006). Alguns autores, a exemplo de Östman (2005, p. 121), propõem a integração de fenômenos discursivos convencionalizados à Gramática de Construções, de modo que padrões textuais, como receita, anedota, resumo científico, sejam tratados como um tipo de construção, visto que se referem ao pareamento tipo (a forma) e gênero (a função) que um texto instancia. Assim, o conceito de *construção* abarca um grande número de unidades linguísticas, sejam elas lexicais sejam gramaticais, dispostas num *continuum*, de modo que a distinção entre elas é gradiente e não discreta.

De acordo com a Gramática de Construções, as orações simples são instâncias de construções de estrutura argumental, pareamentos de forma-função que não dependem de verbos particulares e dos argumentos que estes tomam. As construções de estrutura argumental, organizadas em torno de um determinado tipo sintático-semântico de verbo, formam um grupo de construções abstratas, que se relacionam em uma rede construcional.

Com a incorporação de uma perspectiva construcional à LFCU, a gramática deixa de se relacionar a um conjunto de expressões constituídas a partir de regras de coesão sintática e passa a ser concebida como um conjunto de construções, pareamentos de forma-função (GOLDBERG, 1995). As construções são armazenadas na mente do falante com base em enunciados reais, por meio do processo de categorização de instâncias que ocorrem frequentemente no uso interacional da língua. A interpretação de que a gramática é composta por construções (GOLDBERG, 2006) acarreta o entendimento de que a relação entre forma e função é básica e inerente a qualquer descrição gramatical (ÖSTMAN, 2005).

Neste texto, adoto uma abordagem construcionista ampla, nos termos de Noël (2008, p. 327), compatível com o princípio básico, compartilhado por todas as variantes da Gramática de Construções (CROFT; CRUSE, 2004, p. 247), de

que os padrões sintáticos têm significado. Assim, descarto as diferentes formalizações empregadas por essas variantes.

A variação diacrônica e a mudança na semântica construcional constituem uma área de investigação recente (COLLEMAN; DE CLERCK, 2011, p. 2). Aqui, parto do princípio de que o significado da construção ditransitiva, do mesmo modo que os itens lexicais, também está sujeito a certo grau de variação diacrônica. Nesse sentido, é importante investigar essa construção no PB sob uma perspectiva pancrônica para acompanhar possíveis mudanças em sua morfossintaxe e em sua semântica construcional. Para tanto, comparo as manifestações da CD nos séculos XVIII e XX. O interesse não está na mudança de verbos individuais, mas na mudança da classe de verbos que podem instanciar a CD, ou seja, em mudanças relativas a grupos de verbos semanticamente coerentes, cuja combinação com a sintaxe da CD representa um subsentido construcional (GOLDBERG, 1995, p. 32) ou uma subconstrução de uma classe verbal específica (CROFT, 2003, p. 60).

A construção ditransitiva

No que diz respeito a construções de estrutura argumental, uma questão que se discute na literatura é o modo como estruturas argumentais diferentes se relacionam. No inglês, o caso frequentemente citado é o dos verbos que tanto ocorrem no padrão de objeto duplo como no padrão em que o recipiente é introduzido por *to*, como *give*/dar, *lend*/emprestar, *offer*/oferecer, *send*/enviar, *sell*/vender (GOLDBERG, 1995, entre outros). Ao analisar a alternância entre a construção de objeto duplo e a construção dativa no inglês, vários linguistas argumentam que a escolha de uma variante em um dado contexto decorre de propriedades dos próprios argumentos OI e OD, como sua acessibilidade discursiva (informação nova ou dada), o traço [+/-animado] dos seus referentes e sua extensão (a esse respeito, ver Collins (1995); Bresnan; Cueni; Nikitina e Baayen (2007), entre outros). Para Perek (2015, p. 155), o fato de que os dois padrões compartilham o significado básico de transferência, o qual envolve um agente que transfere um objeto para um recipiente, permitiria considerá-los como variantes gramaticais. Essa é a posição que adoto.

Neste trabalho, opto por uma definição semântica da CD tomada como uma construção que consiste em um *slot* verbal e três *slots* argumentais, correspondentes a um argumento agente (A), um argumento recipiente (R) e um argumento paciente (P). Priorizo, portanto, o significado da construção, independentemente da manifestação formal dos seus argumentos, na linha de Malchukov, Haspelmath e Comrie (2010, p. 2) e Coleman e De Clerck (2011, p. 4). Desse modo, não há correspondência sintática com a construção ditransitiva tal como definida por Goldberg (1995, p. 3). No inglês, o dativo – recipiente da ação verbal – é codificado como um SN na posição imediatamente posterior ao verbo e antes do objeto direto; no PB, o dativo é geralmente codificado antes do objeto direto, como um SN pronominal pré-verbal ou como um SPrep pós-verbal (FURTADO DA CUNHA, 2015, p. 152). Em vista dessa dupla possibilidade de codificação do dativo no PB, temos dois padrões sintáticos diferentes – S OI V OD e S V OI OD – associados ao mesmo conteúdo proposicional.

Nessa direção, sigo a proposta de Cappelle (2006, p. 18; 2009, p. 185) e tomo os padrões estruturais que instanciam a construção ditransitiva no português do Brasil como aloconstruções, ou seja, realizações formalmente distintas da CD que expressam conteúdo proposicional semelhante, mas diferem quanto a aspectos pragmáticos⁴. Vale ressaltar que, nos dados examinados, também foi constatado, em menor frequência, o padrão S V OD OI, em que o objeto direto ocupa posição posterior ao verbo e anterior ao objeto indireto. Esse padrão da CD, menos frequente nos *corpora*, também é considerado uma aloconstrução da CD. Reafirmo que, neste artigo, o interesse central é contrastar a realização do OI como SN pronominal ou como SPrep, independentemente da sua ordenação na oração ditransitiva, muito embora esta ordenação esteja associada a uma dada codificação, como veremos adiante.

Cabe salientar que o tratamento de dois padrões sintáticos diferentes como instâncias de uma mesma construção não contradiz o Princípio da Não Sinonímia (BOLINGER, 1968, p. 127; GIVÓN, 1985, p. 1010; HAIMAN, 1985, p. 19; GOLDBERG, 1995, p. 3), assim elaborado: se duas construções são sintaticamente distintas, tais construções devem ser também distintas semântica ou pragmaticamente. Embora os

⁴ Diferentemente dos funcionalistas, os construcionalistas, de um modo geral, não distinguem significado codificado (semântico) de significado contextual (pragmático). Embora seja relevante, essa questão não será aprofundada aqui. Para discussão, ver Fried (2010, 2015).

dois padrões da CD no PB expressem conteúdo proposicional equivalente, eles diferem em termos pragmáticos na medida em que o recipiente, no primeiro, é discursivamente mais proeminente e tópico do que no segundo. De fato, em trabalho anterior (FURTADO DA CUNHA, 2017, p. 568), investiguei os fatores envolvidos na escolha de uma ordenação ou outra. A análise do material empírico demonstrou que aspectos (i) discursivo-pragmáticos, como o *status* informacional dado, e consequente continuidade discursiva, do participante OI; (ii) semânticos, como o papel temático de recipiente desse argumento; e (iii) gramaticais, como o peso do OD, em termos do número de sílabas, motivam a preferência pela ordenação do objeto indireto antes do objeto direto nas orações ditransitivas analisadas.

Nos *corpora* do século XX, foram coletadas, ao todo, 935 ocorrências de orações cujos verbos são acompanhados por SN objeto direto e objeto indireto codificado por SPrep ou SN pronominal. No *corpus* do século XVIII, seguindo o mesmo procedimento de coleta, foram obtidas 436 orações. Como as fontes dos dados dos dois séculos não são comparáveis em termos de extensão dos textos, esses números apenas mostram que a CD é produtiva tanto no século XX quanto no XVIII. Nos dois séculos, os dados recolhidos incluem orações que expressam tanto transferência concreta (636 ocorrências no século XX e 403 no século XVIII, que somam 1.039 dados, 76% do total) quanto transferência abstrata (299 dados no século XX e 33 no século XVIII, totalizando 332 ocorrências, correspondentes a 24%), perfazendo um conjunto de 1.371 orações. Em meus *corpora*, a transferência abstrata é predominantemente perfilada pelos verbos *dicendi*, que expressam uma atividade que pode ser metaforicamente interpretada como um evento de transferência cognitiva (HASPELMATH, 2015, p. 20), em que aquilo que é dito (OD) é transferido para um interlocutor (OI recipiente). Por meio de uma metáfora comum, a fala saíria, como em movimento, de um falante para um ouvinte, o qual é o destino final da ação. Este é um caso de metáfora do conduto, definida por Reddy (1979, p. 286). Ela opera quando o falante “insere” seu conteúdo mental (ideias, significados, conceitos etc.) em recipientes (palavras, frases, orações etc.), cujo conteúdo é

então “extraído” pelo seu interlocutor para que a unidade linguística seja interpretada.

Veja-se a seguinte ocorrência, em que o sujeito/agente eu “transfere”, por meio de transmissão oral, o OD/paciente *a minha trajetória* para o OI/recipiente *te*:

- (1) *Eu te contei a minha trajetória*, que eu queria estudar, eu queria trabalhar com isso e no Brasil não tinha a menor chance de ter escola nenhuma para isso. (Museu da Pessoa)

O agrupamento de verbos com sentido básico de transferência concreta (*dar, entregar, oferecer* etc.) e de transferência metafórica (*dizer, contar, falar* etc.) é possível porque o significado de padrões construcionais, como a construção ditransitiva, é necessariamente mais esquemático do que o significado do verbo. Nessa linha, uma dada construção pode acomodar verbos de domínios semânticos relativamente diferentes, como veremos adiante. Observe-se, ainda, que nem todos os usos de *dar*, por exemplo, podem ser classificados como transferência concreta, como se vê em (2).

- (2) [...] eu digo, vim para a escola não estudei de novo, mas eu acho que *eles* [os cooperados] *me deram um apoio* e eu acreditei, tentei e tô brigando. (Museu da Pessoa)

Neste dado, o sujeito (*eles*) age intencionalmente de modo que o referente do objeto indireto (*me*) “receba” o argumento objeto direto (*um apoio*), concebido como uma entidade concreta. Temos, aqui, um caso de *chunk* (Bybee (2016 [2010], p. 64), em que ‘X dar apoio a Y’ se fixou com base na frequência de uso de *dar* seguido de *apoio*. A ocorrência em (2) mostra que verbos cujo sentido primário expressa transferência concreta também podem originar usos produtivos mais metafóricos, dependendo da natureza conceptual – concreta ou abstrata – do referente do OD.

Vale destacar que o sentido central da CD expressa transferência concreta, e não metafórica ou abstrata, visto que, tanto diacrônica (TRAUGOTT, 1988; SWEETSER, 1990) como sincronicamente (LAKOFF; JOHNSON, 1980), significados ancorados na experiência concreta são comprovadamente

mais básicos. Além disso, a transferência concreta é tomada como sentido básico porque as outras classes de significados podem ser mais economicamente representadas como extensões desse sentido.

Nos *corpora* examinados, a maioria das orações triargumentais ocorre com o verbo *dar*, que representa o verbo de transferência prototípico. Nos *corpora* do século XX, foram constatadas 118 orações e, no do século XVIII, 105, correspondentes a 19% e 26%, respectivamente, do total de dados de transferência concreta. Os outros verbos com três argumentos tiveram frequência menor, que varia entre 10% (*mandar*), 9% (*trazer e fazer*) e 1% (*custar e comprar*). O percentual maior de *dar* nas amostras do século XVIII está relacionado com o fato de que, nestas, foi registrada menor variedade de verbos de transferência concreta (13 contra 24 no século XX). A prototipicidade desse verbo se deve ao fato de que há convergência total entre os papéis participantes de *dar* (perfilados pela moldura semântica específica do verbo) e os papéis argumentais da construção ditransitiva (agente, paciente, recipiente). Isso significa que, na CD prototípica, há coerência e correspondência semânticas, já que o significado de *dar* e o da construção são idênticos (GOLDBERG, 1995, p. 50 [sobre os princípios de coerência e de correspondência semânticas]). É possível falar, portanto, em graus de convergência, determinado pela aproximação/distanciamento entre o significado da construção e o significado do verbo por ela recrutado.

Com relação aos verbos de transferência abstrata, foram encontrados 25 tipos diferentes nas amostras do século XX, com maior frequência de *pedir* (39 dados), *contar* (34) e *perguntar* (25), e apenas 2, *negar* (19) e *prometer* (14), nos dados do século XVIII. Seguem algumas ocorrências que ilustram a transferência concreta (3-4) e a abstrata (5-6):

- (3) A modelo e atriz Ana Paula Arosio, 20, foi descoberta por uma caçadora de talentos quando fazia compras em um supermercado de São Paulo, acompanhada pela mãe, Claudete. Na época tinha 12 anos. Uma mulher me deu um cartão e convidou para tirar fotos na agência, chamada Estilo. (CHAVE)

- (4) Buscou um quinteiro, a quem entregou este seu paraíso e para que mais pronto cuidasse das árvores, lhe deu com ele uma porção de terra em a qual o homem plantou umas amoreiras. (*Corpus histórico do português, 1738*)
- (5) Aí, comprei todo o material também, porque eu fiz um orçamento, também, de instalação, o profissional da área me pediu trezentos reais, como eu tô em busca de redução de custo, eu mesmo instalei. (C-Oral Brasil)
- (6) Visto, porém, o merecimento da causa, negou-lhe o imperador a mercê. (*Corpus histórico do português, 1710*)

Conforme atestam os dados, o significado básico de transferência da CD é responsável pelo fato de que há três argumentos (codificados pelo sujeito, pelo OD e pelo OI) envolvidos no evento denotado, representados pelos papéis de agente, paciente e recipiente, respectivamente. A esse tipo de construção associam-se, então, classes de verbos que a ela se ajustam. Desse modo, a interpretação total de uma oração depende tanto do sentido central da construção como do significado do verbo que está integrado nessa oração, demonstrando que, embora independentes, construções e verbos são inter-relacionados.

Polissemia construcional

Tendemos a interpretar situações novas e/ou abstratas com base em situações conhecidas e/ou concretas. Nesse sentido, é comum que um padrão estrutural seja estendido para outros significados que se afastam do sentido prototípico da construção (LANGACKER, 1991, p. 293), o que resulta em polissemia construcional (GOLDBERG, 1995, p. 31)⁵.

Os modelos de Gramática de Construções baseada no uso propõem dois tipos de *links* que organizam as construções em uma rede: os de herança e os relacionais. Interessa, aqui, o primeiro deles. Entre os *links* de herança, encontram-se os de polissemia, que revelam as relações semânticas entre o sentido básico de uma construção e suas extensões.

⁵ Furtado da Cunha e Silva (2018) investigam a polissemia construcional da construção transitiva, em que as orações que se distanciam da cena transitiva prototípica herdam seus significados do sentido central da construção transitiva.

Ancorada, sobretudo, em Goldberg (1995), Croft (2001), Bybee (2016 [2010]) e Traugott e Trousdale (2013), assumo que, com base no sentido central da construção ditransitiva, o falante estende o uso do padrão estrutural dessa construção para outros tipos de evento que se afastam parcialmente do significado a ela associado. Desse modo, as instanciações dessa construção apresentam sentidos relacionados, e não um único sentido fixo, o que acarreta polissemia construcional: a mesma forma se liga a sentidos relativamente diferentes. Isso se explica pelo fato de que o padrão sintático e as especificações semânticas de uma construção são independentes dos verbos que ela recruta. A frequência de uso é responsável pela fixação, na língua, de novas instanciações de uma construção, facilitando a produção e o processamento desses pareamentos de forma-função. No caso da CD, pode-se constatar que suas instanciações estão associadas a um grupo de sentidos afins, e não a um único sentido fixo, de modo que nem todos os padrões S V OI OD implicam, necessariamente, que o participante paciente é de fato transferido para o recipiente.

Nos *corpora* investigados, foram atestadas outras orações triargumentais que se afastam, em alguma medida, do sentido central da construção ditransitiva, embora se alinhem ao padrão S V OI OD, como:

- (7) “Para onde é que nós vamos?” Eu falei: “Não, nós vamos para o Pontal do Paranapanema, e nós vamos morar em Teodoro Sampaio. A CESP nos ofereceu uma casa na vila de engenheiros deles e os confortos da CESP. (Museu da Pessoa)
- (8) A graciosa pastora, que com o romper da manha saía a apascentar o seu rebanho, chegou ali a cumprimentá-las, e com galanteria lhes ofereceu sua pobre choupana, para que se demorassem todo o tempo que quizessem. (*Corpus* histórico do português, 1752)
- (9) A tese de que “o Banco Central é obrigado a praticar juros elevados porque o MP deixou as contas fiscais escaparem ao controle” lembra a crença das crianças em Papai Noel. Elas acreditam na sua existência porque o pai falou ou porque ele me deixou um presente. (CHAVE)

- (10) [...] são ambos de dois originais antigos, porém temos a desgraça de que Natan nos não deixou cópias suas, [...] (*Corpus histórico do português*, 1736).

As orações destacadas em (7-8) subentendem que algumas condições devem ser satisfeitas para que o recipiente (*nos* e *lhes*, respectivamente) receba o paciente (*uma casa na vila de engenheiros deles e os confortos da CESP e sua pobre choupana*) oferecido pelo agente (*a CESP e a graciosa pastora*, respectivamente). A transferência só se completa se o recipiente aceitar o oferecimento. Nos segmentos em (9-10), o verbo *deixar* é usado numa configuração triargumental: o agente (*ele* e *Natan*, respectivamente) age para fazer com que o recipiente (*me* e *nos*) receba o paciente (*um presente e cópias suas*) em algum ponto no futuro.

Tradicionalmente classificado como transitivo direto, o verbo *fazer* pode ocorrer com um objeto indireto. O *frame* de *fazer* não projeta um recipiente, uma vez que esse verbo não indica, necessariamente, um evento de transferência; contudo, ele pode ser usado num padrão oracional ditransitivo, veiculando a ideia de uma transferência pretendida.

- (11) Ele me fez esse convite porque eu morava numa vila e ele morava nesta vila também, [...]. (Museu da Pessoa)

O uso de *fazer* com três argumentos já estava disponível no século XVIII, como se pode ver em (12):

- (12) [...] e extimação, pedio ao servo de Deos com ferverosas instancias lhe descobrisse dita Joya, e lhe fez certa promessa. (*Corpus histórico do português*, 1757).

Esse participante “adicional” não tem *status* argumental posto que não é exigido, semântica ou sintaticamente, pela grade argumental do verbo, sendo, portanto, licenciado pela própria CD. Sob a perspectiva da Gramática de Construções, nesses casos não há compatibilidade total entre os papéis participantes do verbo e os papéis argumentais da construção. Significa que o recipiente/dativo não é selecionado lexicalmente pelo verbo e pode ser explicado em termos da

fusão da CD com um verbo não ditransitivo ou triargumental⁶. Temos, aqui, um exemplo de herança por instanciação, em que uma dada construção é um caso especial, ou uma versão mais especificada, de outra: o verbo *fazer*, prototipicamente transitivo, é usado como ditransitivo.

Dependendo da classe semântica do verbo, as orações ditransitivas produzem diferentes implicações quanto ao papel temático do OI. Nos casos em que o evento denotado não envolve uma transferência subsequente de posse, como em (10-11), os OI (*me* e *lhe*) desempenham o papel de beneficiário e são identificados, como o recipiente, pelo traço [+humano]. Um aspecto característico dos eventos de transferência é que o recipiente geralmente faz algum uso da coisa transferida em seu próprio benefício. Esse aspecto é parte da moldura semântica maior associada a esses eventos e se relaciona a uma etapa cronologicamente posterior do ato de transferir. Por esse motivo, a construção ditransitiva pode integrar o SPrep beneficiário, marcando-o do mesmo modo que o recipiente. Nas ocorrências ditransitivas de *fazer*, portanto, o evento codificado envolve um beneficiário (alguém realiza uma ação em benefício de outro) e não um recipiente prototípico (transferência prototípica de eventos de posse).

Pelo Princípio de Correspondência (GOLDBERG, 1995, p. 50), os papéis participantes, lexicalmente perfilados pelo verbo, devem ser fundidos com os papéis argumentais, estes perfilados pela construção. Instâncias prototípicas da CD envolvem uma convergência perfeita entre a semântica lexical do verbo e a semântica da construção, visto que o significado do verbo e o da construção são idênticos, a exemplo do verbo *dar*. Pode-se, portanto, falar em graus de convergência, determinada pela aproximação/distanciamento entre o significado da construção e o significado do verbo por ela sancionado.

Evolução semântica

A comparação entre os usos da construção ditransitiva no PB em duas sincronias buscou verificar se essa construção passou por um processo de estreitamento semântico ou de generalização. Dito de outro modo, os *corpora* investigados atestam usos no século XVIII que desapareceram da gramática

⁶ A tradição gramatical classifica esse tipo de objeto indireto como dativo de interesse (*dativus commodi*) e o relaciona a padrões remanescentes da sintaxe latina (BECHARA, 2005, p. 424).

ou, ao contrário, foram registrados usos no século XX que não ocorreram no século XVIII? Nessa direção, o interesse não foi investigar verbos individuais, mas, em especial, se houve mudança com relação aos tipos de verbo que instanciam a CD numa perspectiva diacrônica, considerando essas duas fatias de tempo.

Conforme explicitado anteriormente, os dados do século XX e do século XVIII não são diretamente comparáveis em termos de extensão dos textos, ou de número de palavras, de modo que o maior número de *tokens* no século XX (935, contra 436, no século XVIII) não permite afirmar que houve aumento de uso da CD nesse período. Em relação aos tipos de verbos, uma classificação semântica provisória forneceu a seguinte distribuição:

Quadro 1. Tipos semânticos de verbos da construção ditransitiva nos séculos XVIII e XX

Classes de verbo	Século XVIII	Século XX
V que significam atos de transferência	<i>dar, entregar, emprestar, pagar</i>	<i>dar, entregar, emprestar, pagar, passar, transferir, conceder, causar, roubar</i>
V com condições de satisfação associada	<i>oferecer</i>	<i>oferecer, garantir, mostrar</i>
V de movimento	<i>trazer, mandar</i>	<i>trazer, mandar, jogar</i>
V de criação/preparação	<i>fazer, preparar</i>	<i>fazer, preparar, construir, escrever</i>
V de transferência futura	<i>deixar</i>	<i>deixar</i>
V de transação comercial	<i>vender, custar</i>	<i>vender, custar, comprar, cobrar</i>
V de permissão	<i>permitir</i>	<i>permitir</i>
V <i>dicendi</i>	<i>prometer, negar</i>	<i>prometer, negar, pedir, contar, narrar, dizer, falar, relatar, avisar, responder, perguntar, indicar, informar, transmitir, recusar, repetir, comunicar, descrever, explicar, sugerir</i>

(Fonte: elaboração própria)

Quando se comparam as colunas dos séculos XVIII e XX, vê-se que, nos dois períodos, a construção ditransitiva pode ser instanciada pelas mesmas classes de verbos, cuja combinação com a sintaxe da CD representa um subsentido construcional

(GOLDBERG, 1995, p. 32) ou uma subconstrução de uma classe verbal específica (CROFT, 2003, p. 60). Isso significa que não houve mudança com relação a essas classes, seja redução seja ampliação. A diferença reside no fato de que no século XX foi constatada uma maior variedade de verbos em cada classe (24 *types*, contra 13 no século XVIII), especialmente na dos verbos *dicendi* (25 *types vs.* 2). Contudo, esse resultado pode estar relacionado com a natureza dos *corpora* investigados e com a sua dimensão. É necessário levar em conta que se trata da análise de *corpora* específicos e suas limitações, os quais, evidentemente, não correspondem à totalidade da língua.

Se não foi possível observar distinções semânticas nas instanciações da CD nos dois séculos, foram, entretanto, comprovadas diferenças sintáticas que dizem respeito à ordenação dos argumentos dessa construção. Por um lado, constatei a mesma variação nas posições que o objeto indireto e o objeto direto podem ocupar na oração ditransitiva⁷. Assim é que, tanto nos dados do século XVIII quanto nos do século XX, o OI ora antecede ora segue o OD, sendo majoritariamente codificado como pronome no primeiro caso, como se pode ver nas amostras (1-12). A seguir, uma amostra em que o OI, apesar de codificado como SPrep, se posiciona antes do OD:

- (13) [...] e continuando a liberalidade, e grandeza de seu animo, aos mesmos deu embarcação, matalotagem de biscoito, carne, pescado, até tomarem porto em Lisboa. (Corpus histórico do português, 1727)

Na oração destacada em (13), o OD (*embarcação, matalotagem de biscoito, carne, pescado*) é mais pesado do que o OI (*aos mesmos*) em termos de número de sílabas, o que justifica o posicionamento pré-verbal do OI codificado como SPrep.

Por outro lado, as amostras do século XVIII registram uma variedade de padrões estruturais, especialmente no que se refere à posição do sujeito e do OI pronominal. Isso indica que, nesse século, a ordenação dos argumentos do verbo triargumental não era fixa e as orações ditransitivas apresentavam maior versatilidade morfossintática.

- (14) Aos 11 do mês de Março (diz) de 1623, ouvindo uma história do Inferno em uma pregação de tarde ao Padre Manoel do Couto, me deu Deus a primeira

⁷ Sobre a relação entre a ordenação dos argumentos da CD, sua expressão formal e seu *status* informacional, ver Furtado da Cunha (2017).

inspiração eficaz de entrar Religioso. (*Corpus histórico do português, 1727*)

- (15) Vendo o general holandês o estorvo que lhe fazia a nossa força do Arraial do Bom Jesus (que *este sagrado título lhe deu Matias de Albuquerque*) e o dano que dos outros redutos e trincheiras recebiam os seus soldados. (*Corpus histórico do português, 1781*)

Em (14), a ordenação é OI (*me*), V (*deu*), Sujeito (*Deus*) e OD (*a primeira inspiração eficaz*); (15), por sua vez, apresenta a distribuição OD (*este sagrado título*), OI (*lhe*), V (*deu*) e Sujeito (*Matias de Albuquerque*).

No que se refere à colocação do OI pronominal em relação ao verbo, as amostras do século XX registram somente a próclise, ao passo que naquelas do século XVIII encontram-se, além de próclise, ênclise, como em (6), e também mesóclise, a exemplo de (16):

- (16) *Pagar-lhe-ei o ódio* na moeda do bem querer (*Corpus histórico do português, 1736*)

Uma última observação diz respeito à preposição que introduz o OI codificado por SPrep. Nas orações ditransitivas do século XX, há um equilíbrio entre o uso de *a* e *para*; nos *corpora* do século XVIII, há predomínio absoluto da preposição *a*, enquanto *para* é usada em apenas dois dados.

Apesar da flexibilidade posicional dos argumentos internos da oração ditransitiva, os resultados mostram que, no século XVIII assim como no século XX, o OI é preferencialmente codificado como pronome antes do OD, conforme a Tabela 1:

Tabela 1. Ordenação dos argumentos internos da CD nos séculos XVIII e XX

Ordenação	Século XVIII	Século XX
V + OI _{PRON} + OD	293 (67%)	604 (65%)
V + OD + SPrep	143 (33%)	331 (35%)
Total	436 (100%)	935 (100%)

(Fonte: elaboração própria)

No estágio atual da pesquisa, a hipótese, válida para o inglês (COLLEMAN; DE CLERCK, 2011), de que essa construção passou por um processo de especialização semântica ou estreitamento não pode ser corroborada no PB. No inglês, os estudos comprovam que a evolução semântica da CD é um caso de especialização, em que a construção veio a associar-se com um leque de significados consideravelmente menor. Alguns usos desapareceram e a construção se reduziu a verbos de *dar* e classes de verbos estreitamente relacionados.

Conclui-se, portanto, que a CD é produtiva no português do Brasil, entendendo-se por produtividade o grau em que uma construção licencia ou sanciona outras construções menos esquemáticas. Nos *corpora* examinados, verificou-se tanto frequência de tipo (BYBEE, 2003, 617) ou frequência de construção (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), isto é, o número de expressões diferentes que a CD tem, quanto frequência de ocorrência (BYBEE, 2003, p. 618), correspondente à frequência de construto (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), ou seja, o número de vezes que suas instanciações ocorrem no texto.

Considerações finais

A análise dos dados levou à constatação de que a semântica da construção ditransitiva – a conceitualização de um típico evento de transferência física, em que um participante animado (Sujeito) transfere um objeto (Objeto Direto) para uma entidade humana recipiente (Objeto Indireto) – se mantém, nos séculos investigados, como o sentido central, prototípico dessa construção. De modo análogo, as extensões desse sentido também foram atestadas nos dois períodos com os mesmos tipos semânticos de verbo. Assim, não há indicação de que a CD se estendeu para novas classes de verbos no século XX visto que os vários subsentidos construcionais já estavam presentes no século XVIII.

Ocorrências como as apresentadas aqui comprovam que a CD pode associar-se a um conjunto de sentidos diferentes, mas relacionados, para cobrir um amplo âmbito de significados. As extensões a partir da construção básica são motivadas e adquiridas como parte do nosso conhecimento da língua.

Há um consenso, na literatura construcionista, de que uma parte essencial do conhecimento gramatical dos falantes

sobre uma dada construção é constituída por um tipo de inventário das classes semânticas de verbos que podem ser usadas na construção e das nuances semânticas a ela associadas. Por um lado, o tratamento de diferentes padrões oracionais que instanciam a CD permite capturar o fato de que a própria construção tem significado, servindo como um esquema que reúne o que é comum a um conjunto de verbos. Por outro lado, o uso do mesmo padrão sintático com diferentes verbos resulta em economia linguística, reduzindo o custo cognitivo de elaboração e de processamento.

Haiman (1985) argumenta que uma função necessária da língua é permitir que os falantes façam generalizações e simplificações, uma vez que seria impossível para os humanos ter um inventário infinito de construções. A polissemia construcional resolve esse problema de armazenamento, agrupando construções que têm significados próximos. Ao mesmo tempo, os *links* entre construções estão relacionados com o princípio de motivação (HAIMAN, 1985), pois, conforme Lakoff (1987), uma construção é motivada na medida em que sua estrutura é herdada de outras construções existentes na língua. Em outras palavras, padrões construcionais são mais facilmente apreendidos e interpretados quanto mais eles podem ser associados com padrões ou construções já conhecidos. Desse modo, os *links* de herança refletem vínculos de motivação entre construções que se vinculam semântica e sintaticamente.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BOLINGER, Dwight. Entailment and the meaning of structures. *Glossa*, [s. l.], v. 2, p. 119-127, 1968.

BRESNAN, Joan; CUENI, Anna; NIKITINA, Tatiana; BAAYEN, Harald. Predicting the dative alternation. In: BOUME, Gerlof; KRAEMER, Irene; ZWARTS, Joost (org.). *Cognitive foundations of interpretation*. Amsterdam: Royal Netherlands Academy of Science, 2007. p. 69-94.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticalization: The role of frequency. In: JOSEPH, Brian; JANDA, Richard. (org.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.

_____. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].

CAPPELLE, Bert. Particle placement and the case for 'allostructions'. In: SCHÖNEFELD, Doris. (org.). *Constructions all over: Case studies and theoretical implications*. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/31590515>. Acesso em: 10 mar. 2019.

_____. Can we factor out free choice? In: DUFTER, Andreas; FLEISCHER, Jürg; SEILER, Guido. (org.). *Describing and modeling variation in grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009. p. 183-199.

CHAVE. Disponível em: <https://www.linguateca.pt/CHAVE/>. Acesso em: 05 mai. 2019. DOMÍNIO. [Site institucional]. Disponível em: link. Acesso em: data de acesso.

C-ORAL BRASIL. Disponível em: <http://www.c-oral-brasil.org/>. Acesso em: 10 mai. 2019.

CORPUS HISTÓRICO DO PORTUGUÊS. Disponível em: <https://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/>. Acesso em: 08 mai. 2019.

COLLINS, Peter. The indirect object construction in English: An informational approach. *Linguistics*, [s. l.], v. 33, p. 35-49, 1995.

CROFT, William. Lexical rules vs. constructions: A false dichotomy. In: CUYCKENS, Hubert; BERG, Thomas; DIRVEN, René; TAYLOR, John. (org.). *Cognitive approach to lexical semantics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 49-68.

CROFT, William; CRUSE, Alan. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DU BOIS, John. Competing motivations. In: HAIMAN, John. (org.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p. 343-366.

FRIED, Mirjam. Constructions and frames as interpretative clues. *Belgian Journal of Linguistics*, [s. l.], v. 24, p. 83-102, 2010.

FRIED, Mirjam. Construction grammar. In: ALEXIADOU, Artemis; KISS, Tibor (org.). *Handbook of syntax*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015. p. 974-1003.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. O estatuto argumental do objeto indireto e a construção ditransitiva no português do Brasil. In: _____. (org.). *A gramática da oração – diferentes olhares*. Natal: EDUFRN, 2015. p. 135-165.

_____. Motivações semântico-pragmáticas para a ordenação dos argumentos na construção ditransitiva. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 555-584, 2017. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/9793>. Acesso em: 10 mai. 2019.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (org.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013a.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. *Revista do Gelne*, Natal, v. 15, n. 1/2, p. 49-74, 2013.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito (org.). *Variação e mudança em perspectiva construcional*. Natal: EDUFRN, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/252932018>. Acesso em: 24 mai. 2019.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SILVA, José Romerito. Transitividade: do verbo à construção. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 14, p. 48-64, 2018.

GIVÓN, Talmy. *A compreensão da gramática*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha, Mário Eduardo Martelotta e Filipe Albani. São Paulo: Cortez; Natal: EDUFRN, 2012 [1979].

GIVÓN, Talmy. Function, structure, and language acquisition. In: SLOBIN, Dan. (org.). *The crosslinguistic study of language acquisition*. v. 2. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1985. p. 1005-1028.

GOLDBERG, Adele. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HAIMAN, John. *Natural syntax: iconicity and erosion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HASPELMATH, Martin. Ditransitive constructions. *Annual Review of Linguistics*, [s. l.], v. 1, p. 19-41, 2015.

HILPERT, Martin. *Construction Grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HOPPER, Paul. Emergent grammar. *Berkeley Linguistic Society*, Berkeley, v. 13, p. 139-157, 1987.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, Ronald. *Cognitive Grammar: A basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

_____. *Foundations of cognitive linguistics*, v. 2: Descriptive Application. Stanford: Stanford University Press, 1991.

MALCHUKOV, Andrej; HASPELMATH, Martin; COMRIE, Bernard. Ditransitive constructions: a typological overview. In: _____. *Studies in ditransitive constructions: A comparative handbook*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2010. p. 1-64.

MUSEU DA PESSOA. Disponível em: [_ \(https://www.linguateca.pt/acesso/MuseuPessoa_BR.xml\)](https://www.linguateca.pt/acesso/MuseuPessoa_BR.xml). Acesso em: 23 jun. 2019.

OLIVEIRA, Mariangela Rios; CEZARIO, Maria Maura (org.). *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. Niterói: EDUFF, 2017.

ÖSTMAN, Jan-Ola. Construction discourse: A prolegomenon. *In: ÖSTMAN, Jan-Ola; FRIED, Mirjam (org.). Construction grammars: cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 121144.

PEREK, Florent. *Argument structure in usage-based construction grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2015.

REDDY, Michael. The conduit metaphor: A case of frame conflict in our language about language. *In: ORTONY, Andrew (org.). Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 284–310.

SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Pragmatic strengthening and grammaticalization. *Proceedings of the Fourteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society*, 1988. p. 406-416.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Abstract

The semantics of ditransitive construction in a diachronic perspective

This paper focuses on the ditransitive construction of Brazilian Portuguese, aiming at examining its semantic evolution. To this end, it compares manifestations of this construction in the 18th and 20th centuries in order to investigate whether there has been a change in its morphosyntax and in the semantic class of the verbs that instantiate it. The theoretical approach combines assumptions and analytical categories of Usage-based Functional Linguistics (FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, 2013a) and Construction Grammar (GOLDBERG, 1995; TRAUOGOTT; TROUSDALE, 2013). The results led to the conclusion that, in the 18th as well as in the 20th century, the ditransitive construction prototypically conceptualizes an event of physical transfer, in which an animate participant (Subject) transfers an object (Direct Object) to a human entity (Indirect Object). Furthermore, there was no change in the semantic class of verbs that can instantiate extensions from the central meaning of this construction.

Keywords: *Usage-based Functional Linguistics. Construction Grammar. Ditransitive construction. Constructional semantics.*